

Por uma Igreja sinodal missionária

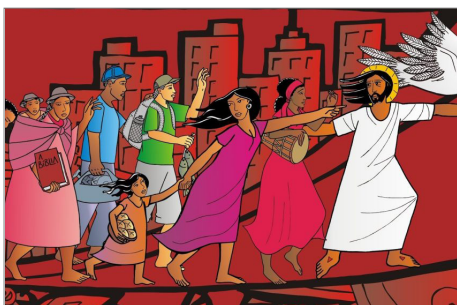
O último Sínodo dos Bispos, sob o tema “Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão”, reafirmou o compromisso da Igreja com a “missão *ad gentes*”, ou seja, a evangelização dos povos que ainda não conhecem o Evangelho. O Documento Final da Segunda Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos destaca a importância de uma Igreja sinodal que se abre ao mundo, e promove a comunhão e a participação de todos os fiéis na missão evangelizadora.

Eis algumas notas introdutórias baseadas no Documento Final (DF):

1. Apesar de em muitas discussões prévias a “missão” parecer um pouco eclipsada, o Documento Final refere-se à **missão como constitutiva da Igreja e um dos pilares centrais da sinodalidade eclesial**. Este facto é sublinhado, desde logo, no uso do vocabulário: o termo “missão” recorre 95 vezes, ao passo que “comunhão” e “participação” aparecem menos no texto – respectivamente 51 e 39 vezes.

2. **Uma Igreja sinodal é, por natureza, missionária**. A sinodalidade, entendida como o “caminhar juntos” dos cristãos com Cristo em direcção ao Reino de Deus, está intrinsecamente ligada à missão da Igreja. Ou seja, “**a sinodalidade é missionária**”, como disse o Papa Francisco na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2024. Mesmo a comunhão entre os fiéis e a sua participação tem como finalidade a missão. A expressão “**Igreja sinodal missionária**” – que poderia ser o nosso novo moto – recorre nove vezes, uma delas também acoplada com “misericordiosa”.

3. **A sinodalidade é a maneira de ser Igreja**: “não é um fim em si mesma, mas visa a missão que Cristo confiou à Igreja no Espírito”,



afirma-se no DF, 32, para logo se acrescentar: “Evangelizar é ‘a missão essencial da Igreja [...] é a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade profunda’ (EN, 14)”. Depois diz: “Valorizando todos os carismas e ministérios, a sinodalidade permite ao Povo de Deus anunciar e testemunhar o Evangelho aos homens e mulheres de todos os tempos e lugares” (DF, 32).

4. A missão de que se fala no texto é a missão universal, apesar de a expressão “missão *ad gentes*” aparecer apenas uma vez, quando se diz que “os percursos formativos [dos candidatos ao ministério ordenado] devem ser capazes de despertar nos candidatos a paixão pela missão *ad gentes*” (DF, 148). A referência é deveras interessante porque **várias dioceses em Portugal consideram muito válida para os seus jovens a experiência de missão em contextos de primeira evangelização, mas não deveriam proporcionar a mesma experiência aos seminaristas, ou mais tarde aos padres numa experiência Fidei Donum?**

5. O chamamento à missão requer a “conversão de cada Igreja local e de toda a Igreja, na perspectiva indicada na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (cf. nº 30), que fala explicitamente de uma “**conversão missionária**”, pois “a sua vocação e o seu serviço profético (cf. LG, 12) consistem em testemunhar o projecto de Deus de unir a si toda a humanidade na li-

berdade e na comunhão” (DF, 20).

6. A diversidade cultural e ecuménica, própria de uma **Igreja multiforme nas suas tradições espirituais e teológicas**, é reafirmada como essencial para o seu crescimento missionário: “A valorização dos contextos, das culturas e das diversidades, e das relações entre si, é uma chave para crescer como Igreja sinodal missionária e caminhar, sob o impulso do Espírito Santo, para a unidade visível dos Cristãos” (DF, 40).

7. É interessante saber que a “**perspectiva sinodal missionária**” está a ser aprofundada por Grupos de Estudo em aspectos como: o currículo dos candidatos ao sacerdócio, os “documentos que regulam as relações entre Bispos, Religiosos, Agregações eclesiais”, “alguns aspectos da figura e do ministério do Bispo (em particular: critérios de selecção dos candidatos ao episcopado, função judicial do Bispo, natureza e o desenrolar das visitas *ad limina Apostolorum*) e “o papel dos Representantes Pontifícios” (cf. DF, 8). Isto significa que há caminho a fazer desde logo na clarificação doutrinal.

O Sínodo 2021-2024 teve como objectivo **promover uma Igreja mais sinodal e missionária**: uma Igreja que escuta, dialoga e discerne em conjunto, reconhecendo a diversidade de culturas e tradições como uma riqueza para a evangelização; uma Igreja aberta, inclusiva e em constante renovação; uma Igreja que promove o ecumenismo, a comunhão e a participação de todos os fiéis na sua missão evangelizadora; e uma Igreja que promove a justiça social, o cuidado da casa comum, a paz, a fraternidade e a reconciliação entre os povos. Para isso, afirma-se **precisa de “formar um povo de discípulos missionários”** (Parte V, do DF). ✦

As virtudes da Quaresma

A Quaresma retorna todos os anos para apresentar-se como um tempo de discernimento (somos pó) e de treino (mas somos chamados à luta).

Discernimento e treino andam juntos, porque o juízo da mente sempre corre o risco de turvar-se na confusão, e os músculos do coração, de se enfraquecerem na inércia. Precisamos, por isso, da disciplina (do soldado), do entusiasmo (do atleta) e da paciência do agricultor.

A lucidez do olhar é uma condição importante para não nos perdermos ou não perdermos tempo; a agilidade da vontade, de facto, não pode exercitar-se adequadamente se não soubermos com que objectivo trabalhar, mas, ao mesmo tempo, é a mesma rectidão de acção que ajuda a ver com clareza.

A estação que marca a passagem do Inverno para a Primavera oferece-nos quarenta dias de revisão e de exercício.

A *Segunda Carta a Timóteo* tem um conjunto de três figuras que constituem um excelente programa para viver bem a Quaresma. Esse texto, atribuído a Paulo, é dirigido a uma comunidade que se vê confrontada com numerosos “adversários”, num contexto de luta, e que, por isso, corre o risco de desanimar porque o “seu” apóstolo está “acorrentado”. Neste contexto, a *Segunda Carta a Timóteo* foi sugestivamente descrita como uma “exortação testamentária em forma de carta de amizade” (Weiser).

Os dois aspectos assinalam a relevância do que aí está escrito. No testamento, encontra-se o resumo de uma vida, as coisas mais importantes que uma pessoa aprendeu e que pretende deixar a pessoas que considera amigas, uma relação que não só introduz no discurso um aspecto afectivo comovente, mas que é também um indicador do modo como a própria mensagem de fé é transmitida: não só, nem sobretudo, de mestre para discípulo, mas ainda mais de amigo para amigo.

A passagem que pode constituir um bom programa para a Quaresma diz: **“Ninguém que preste serviço militar se envolve em questões da vida civil, se quer agradar àquele que o alistou como soldado. Também um atleta não é coroadado, se não compete de acordo com as regras. O**



agricultor, que se afadiga, deve ser o primeiro a ter parte nos frutos” (2 Tm 2, 4-6).

Antes destas três imagens, há um convite preciso: “Sofre juntamente comigo, como um bom soldado de Cristo Jesus”, diz o apóstolo, de onde se depreende que a tónica é colocada no esforço, na labuta, no empenho, embora se deva notar que isso é feito “em conjunto” e à luz do seguimento de Jesus.

Mas o discurso não é unívoco, porque as três imagens falam também de recompensa: o “prazer” de quem se alistou, o “prémio” para quem competiu na luta, o “fruto” para quem semeou e cultivou.

Nestas três “figuras” do cristão, sobre as quais discernir, é fácil ver três “virtudes” correspondentes que põem em causa a vontade, as duas coisas juntas, como foi dito.

A disciplina do soldado. O vocabulário militar já não está na moda apesar de estarmos perturbados e inquietos pelas muitas guerras que continuam a assolar o mundo. Mas uma coisa é a guerra, outra é a linguagem da militância, que não perdeu de modo algum a sua actualidade. Era mais fácil apreender o seu sentido, e mesmo o seu fascínio, nos tempos em que a hostili-

dade contra os cristãos se exercia com virulência, como acontece ainda hoje em certos lugares e situações. Mas não esqueçamos que tal linguagem surge não só em momentos de hostilidade externa, mas também quando um torpor generalizado na vida de fé incita indivíduos e grupos a escolhas radicais.

Não é por acaso que seja esta a figura que abre a *Regra de S. Bento*, onde o monge é descrito como aquele que “empunha as gloriosas e poderosíssimas armas da obediência para militar sob o Cristo Senhor, verdadeiro Rei” (*Prol. 3*), e os cenobitas são aqueles que “militam sob uma Regra e um Abade” (1,2), constituindo o que depois se define como *fraterna acies*, isto é, “fileiras fraternas” (1,5).

A frase não contém qualquer contradição, porque não se juntam para “fazer a guerra”, mas para poder, num esforço comum, lutar “contra os vícios da carne e dos pensamentos”.

Parece-me natural relacionar a figura do soldado com a disciplina, lembrando também que exército e exercício têm a mesma raiz: provêm de um verbo, *exerceo*, com um sentido bastante rude, se não mesmo violento: literalmente, “tirar de um estado de repouso”.



E disciplina significa tanto o “aprender” (*discere*) como o “esforço” necessário para lá chegar. Não há espaço para entrar em pormenores, mas penso que é fácil para cada um perguntar-se como vive essa dimensão da fé que é o compromisso, muitas vezes obscuro e pouco gratificante, mas que também torna o coração ágil e disponível para grandes feitos.

A esta luz, as “tarefas comuns”, que não devem ser um obstáculo para nós, não poderiam ser lidas como as muitas “coisas” a que talvez damos demasiada importância e que correm o risco de nos roubar a energia necessária para objectivos mais essenciais e, em última análise, mais gratificantes? Há “distracções” que são boas e necessárias, e outras que não o são de todo.

Primeiro compromisso: **examinar a forma como gerimos o tempo, os interesses, os relacionamentos, até uma certa forma de trabalhar que só gera inquietação e agitação. Requer-se, por isso, uma focagem nas coisas essenciais a pôr em prática e, conseqüentemente, um trabalho de poda e de simplificação em relação ao que causa dispersão; há um “jejum” a fazer, e não só em relação à comida.**

O entusiasmo do atleta. Quem sentir algum desconforto com as metáforas e o vocabulário militar pode sentir-se mais confortável adoptando o desportivo. Desde que fique claro que não se trata do desporto de Domingo, apreciado na poltrona em frente à televisão ou mesmo sentado nas bancadas de um estádio, mas sim do tipo de desporto que se pratica durante as monótonas e repetitivas sessões de treino ao longo da semana, sem espectadores para aplaudir: o desporto dos dias úteis!

Toda a disciplina é cansativa, e só se aceita e suporta se, e enquanto, nos sustentar o fervor gerado por um objectivo que nos seja caro. Para um atleta é a vitória numa competição, para um músico é o sucesso num concerto. É fácil encantar-se com um “êxito”, mas é igualmente fácil esquecer o preço do triunfo, dias e dias de exercícios sempre iguais, muitas vezes praticados na

“**Porque não programar para este tempo litúrgico um tempo em que, lendo um bom livro ou uma revista missionária, cultivemos o entusiasmo?**”

solidão, e tudo pela emoção final, que nem sempre é garantida.

O mesmo acontece na vida espiritual. Para superar a sensação de cansaço é necessário manter-se focado no fascínio do ideal, regenerá-lo quando se torna morno, reavivá-lo à luz dos exemplos daqueles que, mais generosos do que nós, caminham à nossa frente, convidando-nos tacitamente a segui-los.

A banalidade, a mediocridade, os exemplos deprimentes de comportamentos ridículos de indivíduos e de grandes instituições, incluindo a Igreja, todos eles, são cinzas que ameaçam sufocar o que, por vezes, sobrevive como brasas lânguidas: o mísero resquício de um sonho, de um ideal que outrora aqueceu os nossos corações. Creio que **um bom exercício quaresmal pode consistir em reavivar o entusiasmo pelas coisas grandes.**

Além disso, continuando com a metáfora do atleta, Paulo diz-nos que “quando se corre no estádio, embora todos corram, apenas um recebe o prémio. Correi, pois, assim, para o conquistardes. Todos aqueles que competem, em tudo se disciplinam: eles para receber uma coroa corruptível; nós, uma incorruptível” (1 Cor 9, 24-25).

Há muitas regiões do mundo onde pessoas generosas trabalham em condições terríveis para levar alívio e conforto a quem precisa: nunca aparecem nos jornais, mas há livros e revistas que relatam as suas fadigas quotidianas.

A história da Igreja e do mundo está cheia não só de catástrofes vergonhosas, mas também de figuras esplêndidas que fizeram do seu entusiasmo pela caridade e pela justiça o objectivo da sua competição pela vida, por vezes até à morte.

A leitura é um exercício recomendado para a Quaresma: a *Regra de S. Bento* prescreve que se dê ao monge um livro no início

deste tempo com o compromisso de o ler (RB 49,15-16): então eram as *Instruções de Cassiano* ou os exemplos das *Vidas dos Padres*, com a intenção, precisamente, de iluminar a mente e aquecer a vontade. Porque não programar para este tempo litúrgico um tempo em que, lendo um bom livro ou uma revista missionária, cultivemos o entusiasmo? Porque não participar nos encontros com “testemunhas” que muitas vezes se organizam nas paróquias e noutros centros?

A paciência do agricultor. O terceiro passo é essencial para que tudo não se desmorone. A figura do agricultor torna-se decisiva a este respeito. Há nele um elemento de “passividade” que é importante. Enquanto no exercício das mortificações e das esmolas, bem como no despertar de entusiasmo em nós, é fácil sentirmo-nos plenamente protagonistas, o agricultor sabe que tem de contar com forças que não dependem dele: se quer ver frutos, tem de os esperar (cf. Tg 5, 7).

O quase desaparecimento da cultura camponesa em grande parte da nossa terra levou ao desaparecimento da paciência, bem como da lentidão. É evidente que, se é preciso entusiasmo para arrancar, é preciso paciência para lá chegar. Ela vem em último lugar, mas é a salvação de tudo.

Por isso, seria uma bela contradição decidir-se por renúncias e sacrifícios voluntários, que, sub-repticiamente, poderiam também servir para agradar ao ego, e depois não ser capaz de suportar as coisas e as pessoas que se atravessam no nosso caminho, que nos obrigam a ficar em situações de que não gostamos, a fazer coisas que não queremos.

A palavra grega para paciência também pode ser traduzida por constância e perseverança. Esta é a pista mais importante do caminho quaresmal, e é algo que provavelmente atrai menos (há porventura medalhas para concursos de paciência?), mas que tem a vantagem definitiva de “dar frutos”. ✦

P. Nico Guerini
Especialista em textos místicos
<https://www.settimananews.it>

O testemunho de S. Paulo

Na série de catequeses sobre a paixão pela evangelização, o Papa Francisco falou da conversão de S. Paulo e explicou que a paixão pelo anúncio do Evangelho nasce no encontro com Cristo, como o demonstra a história de Paulo. De perseguidor tornou-se apóstolo de Cristo e não mais parou, porque não há proclamação sem movimento, sem “saída”, sem iniciativa.

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No caminho das catequeses sobre o zelo apostólico, começamos hoje a olhar para algumas figuras que, em modos e tempos diversos, deram um testemunho exemplar do que significa a paixão pelo Evangelho. E a primeira testemunha, naturalmente, é o apóstolo Paulo.

A história de Paulo de Tarso é emblemática sobre este tema. No primeiro capítulo da *Carta aos Gálatas*, assim como na narração dos *Actos dos Apóstolos*, podemos relevar que o seu zelo pelo Evangelho aparece após a sua conversão, e toma o lugar do seu zelo anterior pelo judaísmo. Era um homem zeloso da lei de Moisés para o judaísmo e depois da conversão este zelo continua, mas para proclamar, para pregar Jesus Cristo. **Paulo era um apaixonado por Jesus.** Saulo – o primeiro nome de Paulo – já era zeloso, mas Cristo converte o seu zelo: da Lei para o Evangelho. Primeiro quis destruir a Igreja, depois construiu-a. Podemos perguntar-nos: o que é que aconteceu, como passou da destruição à construção? O que mudou em Paulo? Em que sentido o seu zelo, o seu impulso para a glória de Deus se transformou?

São Tomás de Aquino ensina que a paixão, do ponto de vista moral, não é boa nem má: o seu uso virtuoso torna-a moralmente boa, o pecado torna-a má ^[1]. No caso de Paulo, o que o mudou não foi uma mera ideia ou convicção: para Saulo, o encontro com o Senhor ressuscitado – não esqueçais isto, aquilo que muda uma vida é o encontro com o Senhor – foi o encontro com o Senhor ressuscitado que transformou todo o seu ser. A humanidade de Paulo, a sua paixão por Deus e a sua glória não foi aniquilada, mas transformada,

“convertida” pelo Espírito Santo. **O único que pode mudar os nossos corações é o Espírito Santo.** E o mesmo é válido para cada aspecto da sua vida. Precisamente como acontece na Eucaristia: o pão e o vinho não desaparecem, mas tornam-se o Corpo e o Sangue de Cristo. O zelo de Paulo permanece, mas torna-se o zelo de Cristo. Muda o sentido, mas o zelo é o mesmo. O Senhor é servido com a nossa humanidade, com as nossas prerrogativas e características, mas o que muda tudo não é uma ideia, mas a verdadeira vida, como o próprio Paulo diz: «Se alguém está em Cristo, é uma nova criação; o que é velho passou, eis que surgiu o que é novo» (2 Cor 5, 17). O encontro com Jesus Cristo muda-nos a partir de dentro, faz de nós outras pessoas. Se alguém estiver em Cristo é uma nova criatura, este é o sentido de ser uma nova criatura. Tornar-se cristão não é uma maquilhagem que nos muda o rosto, não! **Ser cristão muda o coração.** Um cristão de aparência, “maquilhado” não serve. A verdadeira mudança é do coração. E isto aconteceu a Paulo.

A paixão pelo Evangelho não é uma questão de compreensão ou de estudos, que certamente são úteis, mas não a geram; significa antes passar por aquela mesma experiência de “queda e ressurreição” que Saulo/Paulo viveu e que está na origem da transfiguração do seu impulso apostólico. Uma pessoa pode estudar toda a teologia que quiser, pode estudar a Bíblia e tudo o resto, mas ser ateu ou mundano; não é uma questão de estudos; na história houve muitos teólogos ateus! Estudar é útil, mas não gera a nova vida da graça. De facto, como diz Santo Inácio de Loyola: «Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear intensamente as

coisas» ^[2]. Trata-se das coisas que nos mudam dentro, que nos fazem conhecer outra coisa, saborear outra realidade. Cada um de nós pense nisto: “Sou um religioso?” – “Bem” – “Rezo?” – “sim” – “Procuro observar os mandamentos?” – “sim” – “Mas onde está Jesus na tua vida?” – “Ah, não faço as coisas que manda a Igreja”. Mas Jesus onde está? Encontraste Jesus, falaste com Jesus? Lês o Evangelho ou falas com Jesus, recordas quem é Jesus? Esta é uma coisa que nos falta muitas vezes. Quando Jesus entra na nossa vida, como entrou na vida de Paulo, Jesus entra e muda tudo. Muitas vezes ouvimos comentários sobre as pessoas: “Olha aquele, que era um pobre coitado e agora é um homem bom, uma mulher bondosa... Quem o mudou?” Jesus, encontrou Jesus. A tua vida cristã mudou? “Não, mais ou menos, sim...”. Se Jesus não entrar na tua vida ela não muda. Podes ser cristão só por fora. Jesus deve entrar para mudarmos e isso aconteceu a Paulo. É preciso encontrar Jesus e por isso Paulo dizia que o amor de Jesus nos constrange, é o que nos leva em frente. A mesma mudança aconteceu a todos os santos, que quando encontraram Jesus foram em frente.

Podemos fazer uma ulterior reflexão sobre a mudança que ocorreu em Paulo, o qual de perseguidor se tornou apóstolo de Cristo. Notemos que ocorre nele uma espécie de paradoxo: de facto, enquanto ele se considerava justo perante Deus, então sentia-se autorizado a perseguir, a aprisionar, até a matar, como no caso de Estêvão; mas quando, iluminado pelo Senhor ressuscitado, descobriu que era “um blasfemo e um violento” (cf. 1 Tm 1, 13), – diz de si mesmo “que antes era blasfemo, perseguidor e injurioso” – en-



A conversão de São Paulo, por Bartolomé Esteban Murillo.

tão começa a ser verdadeiramente capaz de amar. Este é o caminho. Se um de nós disser: “Ah, obrigado Senhor, porque sou uma pessoa bondosa, pratico coisas boas, não cometo grandes pecados...”: este não é um bom caminho, é um caminho de autossuficiência, que não nos justifica; faz de nós católicos elegantes, mas não santos. O católico verdadeiro, o cristão verdadeiro é aquele que recebe Jesus dentro de si e lhe muda o coração. A pergunta que vos faço a todos vós hoje é esta: o que significa Jesus para mim? Deixei-O entrar no meu coração ou só O tenho a certa distância, para que não venha dentro? Deixei-me mudar por Ele? Ou Jesus é apenas uma ideia, uma teologia... Isto é o zelo: quando alguém encontra Jesus sente o fogo e como Paulo deve pregar Jesus, deve falar de Jesus, deve ajudar as pessoas, deve praticar o bem. Quando alguém encontra a ideia

de Jesus permanece um ideólogo do cristianismo e isto não salva; **só Jesus nos salva, se O encontramos e Lhe abrimos a porta do coração.** A ideia de Jesus não nos salva! O Senhor nos ajude a encontrar Jesus e que Jesus, a partir de dentro, nos mude a vida e nos ajude a ajudar os outros.

O zelo do apóstolo

Em virtude da própria experiência, Paulo não ignora o perigo de um zelo distorcido, orientado numa direcção errada; ele próprio caiu neste perigo antes da providencial queda no caminho de Damasco. Por vezes temos de lidar com uma preocupação mal orientada, obstinado na observância de normas puramente humanas e obsoletas para a comunidade cristã. «Eles são zelosos em relação a vós – escreve o Apóstolo – mas não por bons motivos» (Gal 4, 17).

Não podemos ignorar a solicitude com que alguns se dedicam a ocupações erradas, inclusive na própria comunidade cristã; podemos gabar-nos de um falso impulso evangélico ao mesmo tempo que perseguimos a vanglória ou as próprias convicções ou um pouco de amor próprio.

Por isso perguntemo-nos: quais são as características do verdadeiro zelo evangélico segundo Paulo? Por isso, parece ser útil o texto que ouvimos no início (Ef 6, 10-19), uma lista de “armas” que o Apóstolo indica para a batalha espiritual. Entre elas está a prontidão para propagar o Evangelho, traduzida por alguns como “zelo” – esta pessoa zelosa na realização destas ideias, destas coisas –, e indicada como “calçado”. Porquê? Como se relaciona o impulso pelo Evangelho com o que se calça? Esta metáfora retoma um texto do profeta Isaías, que diz: «Como são

agradáveis sobre os montes, / os passos do mensageiro de boas novas, / mensageiro do bem que anuncia a paz, / que anuncia a salvação, / dizendo a Sião: 'O rei é o teu Deus'» (52, 7).

Também aqui encontramos a referência aos pés de um anunciador de boas notícias. Porquê?

Porque aquele que vai anunciar deve mover-se, deve caminhar! Mas notamos também que Paulo, naquele texto, fala do calçado como parte de uma armadura, segundo a analogia do equipamento de um soldado que vai para a batalha: no combate, era fundamental ter estabilidade de apoio, para evitar as insídias do terreno, pois com frequência o adversário disseminava o campo de batalha com armadilhas, e ter a força para correr e mover-se na direcção certa. Portanto, o calçado é para correr e evitar todas estas coisas do adversário.

O zelo evangélico é o apoio em que se baseia o anúncio, e os anunciadores são um pouco como os pés do corpo de Cristo que é a Igreja. Não há proclamação sem movimento, sem “saída”, sem iniciativa. Isto significa que não se é cristão se não se estiver em movimento, não se é cristão se não se sair de si mesmo para se pôr a caminho e levar o anúncio. Não há anúncio sem movimento, sem caminho. Não se anuncia o Evangelho parado, fechado num escritório, na escrivaninha ou no computador, fazendo polémicas como “leões do teclado” e substituindo a criatividade da proclamação com o copia-e-cola de ideias tiradas daqui e dali. **Anuncia-se o Evangelho movendo-se, caminhando, indo.**

O termo utilizado por Paulo, para indicar o calçado de quem leva o Evangelho, é uma palavra grega que denota prontidão, preparação, ânimo. É o oposto de desleixo, incompatível com o amor. De facto, noutros lugares Paulo diz: «Não sejais indolentes na vossa solicitude; deixai-vos vivificar pelo Espírito, servi o Senhor» (*Rm* 12, 11). Esta atitude era a exigida no *Livro do Êxodo* para celebrar o sacrifício da libertação pascal: «E deveis comê-la da seguinte maneira: com os rins cingidos, as vossas



O Apóstolo Paulo, por El Greco (Sacristia da Catedral de Toledo).

sandálias nos pés e o vosso bastão na mão; e comê-lo-eis como quem está com pressa, pois é a Páscoa. E, naquela noite, Eu passarei...» (12, 11-12a).

Um anunciador está pronto a partir, e sabe que o Senhor passará de uma forma surpreendente; deve, por isso, estar livre de esquemas e preparado para uma acção inesperada e nova: preparado para as surpresas. Aquele que proclama o Evangelho não pode estar fossilizado em jaulas de plausibilidade ou no “sempre se fez assim”, mas está pronto a seguir uma sabedoria que não é deste mundo, como diz Paulo falando de si: «A minha palavra e a minha pregação não consistiram em persuasivas palavras de sabedoria, mas numa demonstração do Espírito e do poder, para que a vossa fé não esteja na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus» (1 *Cor* 2, 4-5).

Eis, então, irmãos e irmãs: é importante ter esta prontidão para a

novidade do Evangelho, esta atitude que é um impulso, uma tomada de iniciativa, um ir primeiro. É um não deixar escapar as oportunidades para promulgar o anúncio do Evangelho da paz, aquela paz que Cristo sabe dar mais e melhor do que o mundo. Por isso **exorto-vos a serdes evangelizadores que se movem, sem temor, que vão em frente, para levar a beleza de Jesus**, para levar a novidade de Jesus que muda tudo. “Sim, Padre, muda o calendário, porque agora contamos os anos antes de Jesus...”. – “Mas também, muda o coração: estás disposto a deixar que Jesus mude o teu coração? Ou és um cristão tíbio, que não se move? Pensa um pouco: és um entusiasta de Jesus, vais em frente?”

Pensa um pouco nisto... ✦

[1] cf. S. Tomás de Aquino, *Quaestio “De veritate”, 24, 7.*

[2] Sto. Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais, Anotações, 2, 4.*



Dia dos Missionários Mártires

A jornada anual de oração e jejum pelos Missionários Mártires ocorre no dia 24 de Março, aniversário da morte de S. Óscar Romero e, por isso, dia da sua festa litúrgica.

Óscar Romero nasceu em El Salvador, em Ciudad Barrios, a 15 de Agosto de 1917, numa família de humildes origens. Foi ordenado padre a 4 de Abril de 1942, bispo auxiliar de San Salvador a 21 de Junho de 1970 e arcebispo de San Salvador a 3 de Fevereiro de 1977.

A 12 de Março de 1977, ocorreu o assassinato do seu amigo jesuíta P^o. Rutílio Grande, juntamente com dois camponeses. Esse acontecimento transformou Romero, que passou a denunciar as injustiças sociais por meio da rádio católica “Ysax”, do semanário “Orientación” e nas suas homilias, passando a ser conhecido como “A voz dos sem voz”.

Por ter aderido aos ideais da não-violência, chegou a ser comparado com o Mahatma Gandhi e Martin Luther King. Óscar Romero denunciava, nas suas homilias dominicais, as numerosas violações de direitos humanos em El Salvador e manifestou publicamente a sua solidariedade com as vítimas da violência política, no contexto da Guerra Civil de El Salvador expressando, com toda a sua vida, uma “opção preferencial pelos pobres”.

Óscar Romero foi assassinado enquanto celebrava a Eucaristia, na capela do Hospital da Divina Providência, em San Salvador, no dia 24 de Março de 1980 (há 45 anos), por um atirador de elite do exército salvadorenho. A sua morte provocou uma onda de protestos pelo mundo e pressões internacionais apelando a reformas em El Salvador.

Em 2010, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou o dia 24 de Março como o Dia Internacional pelo Direito à Verdade acerca das Graves Violações dos Direitos Humanos e à Dignidade das Vítimas, em reconhecimento pela actuação de D. Óscar Romero na defesa dos direitos humanos.

Em 1997, Óscar Romero foi declarado “Servo de Deus” pelo Papa



D. Óscar Romero é o patrono dos missionários mártires.

“
**Aspirar não a ter mais,
mas a ser mais.**
(D. Óscar Romero)

João Paulo II e, em 2015, o Papa Francisco aprovou o decreto de beatificação do arcebispo salvadorenho, reconhecendo-o como mártir. A solenidade de beatificação realizou-se no dia 23 de Maio de 2015, na capital salvadorenha e foi presidida pelo cardeal Ângelo Amato, prefeito da Congregação para as Causas dos Santos.

Durante a cerimónia, Ângelo Amato afirmou que “a memória de Óscar Romero ainda está viva dando conforto aos pobres e marginalizados”, e que “Romero foi a luz do mundo e o sal da terra, pois, os seus perseguidores desapareceram e foram esquecidos, mas D. Óscar Romero continua a iluminar os pobres e marginalizados.”

O Papa Francisco canonizou-o no dia 14 Outubro de 2018, na Praça de S. Pedro, em Roma.

“Os mártires são o dom mais precioso que Deus deu à sua Igreja, porque neles se actualiza aquela ‘amor maior’ que Jesus nos mostrou sobre a cruz,” escreveu o Papa Francisco. ✦

Documentos do Concílio: Breve síntese

O Concílio Vaticano II, com os seus 16 documentos, reformulou a missão, a estrutura e a relação da Igreja com a sociedade contemporânea.



Durante os quatro anos do Concílio Vaticano II (1962-1965), a assembleia sinodal aprovou dezasseis documentos, que impulsionaram uma ampla renovação da vida da Igreja. Estes documentos estão classificados em três categorias: **Constituições** (4), **Decretos** (9) e **Declarações** (3). Os anos em que foram aprovados são: 1963 (2), 1964 (3) e 1965 (11). A lista que se segue apresenta os documentos pela ordem em que foram publicados; indica também o seu título oficial em latim, a sua área temática e uma breve panorâmica do seu conteúdo.

1. *Sacrosanctum Concilium* (Liturgia) afirma que a liturgia é “a fonte e o cume” (10) da vida cristã.

Para alcançar este objectivo, o Concílio procurou fazer uma extensa revisão dos ritos existentes da Missa e de todos os sacramentos.

O objectivo era que as pessoas tivessem uma compreensão mais clara do seu envolvimento nos ritos e uma vida de fé mais profunda.

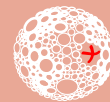
2. *Inter Mirifica* (Comunicações Sociais) promove a utilização dos media para a evangelização. Convida os membros da Igreja, especialmente os leigos, a incorporar “um espírito humano e cristão” nas várias formas de comunicação social, procurando sempre promover as virtudes da justiça e da caridade.

3. *Lumen Gentium* (Igreja) apresenta a Igreja através de várias imagens: mistério, Povo de Deus, sacramento e comunidade integrada. Dedicar um capítulo aos leigos (4), à vocação à santidade (5), aos religiosos (6), à Igreja peregrina, simultaneamente humana e santa (7) e à Virgem Maria (8).

4. *Unitatis Redintegratio* (Ecumenismo) afirma que a promoção da unidade entre os cristãos é uma preocupação de todos; admite abertamente que ambos os lados (católicos e protestantes) causaram as divisões históricas no seio do cristianismo.

5. *Orientalium Ecclesiarum* (Igrejas Orientais) afirma que as várias tradições dentro da Igreja Católica não prejudicam a sua unidade fundamental. As Igrejas Católicas Orientais devem manter as suas tradições. Todas as Igrejas devem promover a reconciliação mútua.

6. *Christus Dominus* (Bispos) reflecte sobre o ofício pastoral dos bispos na Igreja. Embora cada bispo tenha pleno poder ordinário na sua própria diocese, todos são instados a exercer a direcção pastoral em colaboração com as con-



ferências episcopais, um princípio conhecido como “colegialidade”.

7. *Optatam Totius* (Formação Sacerdotal) actualiza a formação nos seminários, centrando-se na promoção das vocações, dando atenção à formação espiritual e intelectual, preparando os seminaristas para o trabalho pastoral e desenvolvendo os sacerdotes para se tornarem bons pastores.

8. *Perfectae Caritatis* (Vida Religiosa) pede às comunidades religiosas de Irmãs, Irmãos e Sacerdotes que se concentrem no seu carisma fundamental e adaptem prudentemente os seus carismas às necessidades e desafios contemporâneos. Encoraja as comunidades a promover a oração comum, a pobreza pela partilha e a contínua formação espiritual e teológica.

9. *Nostra Aetate* (Religiões não-cristãs) promove todos os domínios do “diálogo inter-religioso”. Assim, os católicos são exortados a entrar, com prudência e caridade, na discussão e colaboração com os seguidores de outras religiões. O documento afirma corajosamente: “A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo” (n. 2).

10. *Gravissimum Educationis* (Educação Cristã) afirma o papel da Igreja neste apostolado, declarando o direito dos pais de escolherem o tipo de educação que desejam para os seus filhos. Defende a importância das escolas católicas, apoia a liberdade de investigação nos colégios e universidades católicas e adverte contra o monopólio do Estado na educação.

11. *Dei Verbum* (Revelação) afirma que a Igreja reconhece que a Escritura e a Tradição formam juntas o único depósito da Palavra de Deus como fundamento da revelação. A Bíblia deve ser sempre interpretada sob a direcção da Igreja. O desenvolvimento autêntico da doutrina reflecte a compreensão cada vez mais profunda que a Igreja tem daquilo que Deus revelou, de uma vez por todas, ao género humano.

12. *Apostolicam Actuositatem* (Leigos) é a expressão concreta da missão da Igreja, na qual os leigos participam em virtude do seu baptismo e da sua incorporação a Cristo. Afirma-se o direito dos leigos a fundar as suas associações, desde que estas se mantenham em harmonia com as autoridades eclesiais.

13. *Dignitatis Humanae* (Liberdade Religiosa) promove a liberdade de crença e de prática religiosa; esta decorre da dignidade inerente a cada pessoa. Nenhuma pessoa deve ser forçada a agir de uma forma contrária à sua consciência e às suas convicções.

14. *Presbyterorum Ordinis* (Sacerdotes) define os sacerdotes como homens que são ordenados para oferecer o sacrifício eucarístico, perdoar os pecados em nome de Cristo e servir os outros em nome de Cristo. É reafirmado o celibato sacerdotal como um dom; a santidade autêntica é essencial; os sacerdotes devem trabalhar em estreita colaboração com os leigos.

15. *Ad Gentes* (Actividade Missionária) considera toda a Igreja como missionária. Todos os membros da Igreja devem fomentar o anúncio do Evangelho e promover constantemente o desenvolvimento humano integral. Ninguém deve ser forçado a aceitar a fé cristã.

16. *Gaudium et Spes* (A Igreja hoje) descreve de forma exaustiva o papel da Igreja na sociedade contemporânea, incluindo o trabalho incansável de promoção da paz. O matrimónio e a vida familiar são também amplamente tratados. A Igreja é desafiada a ler os sinais dos tempos à luz dos valores evangélicos.

Os ricos tesouros do Concílio exigem uma leitura meditada, um compromisso que trará numerosas e ricas recompensas. *Tolle, lege!* (Toma e lê!) foi o conselho que Santo Agostinho entendeu como sendo a Palavra de Deus para ele. ✨

Padre James H. Kroeger
Missionário Maryknoll



* O Padre James H. Kroeger trabalhou na Ásia durante mais de cinco décadas. As suas mais recentes publicações são: *Walking with Pope Francis, The Official Documents in Everyday Language* (Paulinas, Manila, 2023), e *A Joyful Journey with Pope Francis* (Claretianos, Manila, 2024).

Ser Missionário na Igreja e no mundo

“Cada baptizado deve sair de si mesmo, abandonar uma pastoral que gira à sua volta e abrir-se a uma missão sem fronteiras, universal. Por isso, o paradigma da missão é a missão *ad gentes*, um conceito que abrange todos os povos do mundo”, diz D. Maurício da Silva Jardim, há três anos bispo da Diocese de Rondonópolis–Guiratinga (MT), no Brasil, e actual presidente da Comissão Episcopal para a Acção Missionária e Cooperação Intereclesial da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB).

O que é ser um missionário na Igreja e no mundo de hoje?

– Ser missionário vai muito além de simplesmente cumprir tarefas. A missão é parte essencial da natureza da Igreja e de cada baptizado. Não se trata de realizar apenas actividades pontuais, mas, como dizemos na nossa campanha missionária, toda a vida é missão. Não basta dedicar à missão algumas horas do dia, mas a vida inteira deve tornar-se missão. Ser missionário é um chamamento a todos os baptizados, para que vivam em missão sempre, 24 horas por dia. Ser missionário é uma vocação que nasce do que somos, que vem do baptismo, e da própria natureza missionária da Igreja.

Como é a realidade missionária da Igreja no Brasil?

– Acredito que a Igreja no Brasil tem crescido na sua consciência missionária. Historicamente, recebemos muitos missionários e missionárias de outros países, mas agora precisamos de fortalecer ainda mais a consciência de que também nós somos missionários e precisamos de nos comprometer especialmente com os projectos das Igrejas irmãs e, em geral, com a missão *ad gentes* (voltada para os povos que ainda não receberam o Evangelho). Hoje, a palavra “missão” é bastante comum no nosso vocabulário, e falamos muito sobre ela. No entanto, acredito que, na prática, a nossas comunidades, paróquias e dioceses ainda têm um longo caminho a percorrer no que diz respeito à cooperação e à acção missionária. Há muito caminho a percorrer para nos tornarmos uma Igreja verdadeiramente missionária.



Também nas dioceses?

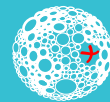
– A missão na Igreja tem três âmbitos principais. O primeiro é a pastoral ordinária, que já realizamos, como a catequese e a liturgia, voltada para os católicos que já participam activamente na comunidade. O segundo âmbito é a missão voltada para os baptizados que, por algum motivo, já não participam da comunidade. É uma missão que busca alcançar aqueles que, na sociedade, estão fora do ambiente eclesial, e chamamos este âmbito de nova evangelização, voltada para os católicos afastados. O terceiro âmbito é direccionado àqueles que ainda não foram baptizados ou que não conhecem Jesus. Essa é a missão no seu sentido universal, uma missão sem fronteiras. Hoje, de cada dez pessoas no mundo, três ouviram falar de Jesus e dizem-se cristãs. Temos

um longo desafio pela frente.

Acredito que, no âmbito da pastoral ordinária, já realizamos muitas boas acções. Mas, nos ambientes que vão além da estrutura paroquial, no campo da nova evangelização, temos menos iniciativas. E no que diz respeito à missão *ad gentes*, ou missão universal, ainda temos um grande caminho a percorrer. Há muito espaço para crescimento da consciência missionária universal, tanto ao nível paroquial, como diocesano, como nacional.

O senhor acha que a falta de compromisso se deve a um desconhecimento geral desse tipo de missão?

– Sim, talvez o que falte é o entendimento de que cada baptizado deve sentir-se missionário. Muitas vezes, quando falamos em missionários, pensamos imediatamente



em padres, freiras ou em pessoas que vêm de fora do país, ou até mesmo em brasileiros que saem em missão para outros lugares. No entanto, os missionários não se restringem apenas a esses grupos. Quando cada católico baptizado começa a perceber que também é um missionário, actuando no lugar onde está, essa consciência missionária irá crescer. É fundamental que todos entendam que a sua missão é parte da sua identidade cristã e vai enriquecê-los.

Em que consiste a “transformação missionária da Igreja”?

– A transformação missionária da Igreja está directamente relacionada com a conversão pastoral, um conceito que o documento de Aparecida realça. A conversão pastoral é, essencialmente, uma conversão missionária. Quando analisamos os três âmbitos da missão, perceberemos que a pastoral paroquial precisa desse movimento de saída. Essa transformação ocorre quando conseguimos ir além da pastoral ordinária e avançar para uma pastoral mais de fronteira, uma pastoral em saída.

Ao falar de paróquia, também me refiro às comunidades, às pastorais, aos movimentos e a todos os organismos presentes na paróquia. Todos são chamados a essa conversão missionária: a não ficarem apenas no seu aconchego, mas a serem agentes de saída.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, usa o conceito de “Igreja em saída”. O que significa?

– “Igreja em saída” é uma expressão que o Papa Francisco utiliza para definir a identidade da Igreja. Por sua natureza, a Igreja possui um “ADN” missionário. Se a Igreja não está em saída, ela está a trair a sua própria essência, a sua vocação que é ser missionária. É por isso que o Papa sublinha tanto essa ideia: uma Igreja que se desacomoda, que sai da zona de conforto, que deixa de olhar apenas para si mesma e vai ao encontro do outro.

Para onde devemos sair?

– Cada baptizado deve sair de



“**Por sua natureza, a Igreja possui um “ADN” missionário. Se a Igreja não está em saída, ela está a trair a sua própria essência, a sua vocação que é ser missionária.**”

si mesmo, abandonar uma pastoral que gira à sua volta e abrir-se a uma missão sem fronteiras, universal. Por isso, o paradigma da missão é a missão *ad gentes*, um conceito que abrange todos os povos do mundo. Esse é o horizonte que devemos ter para a nossa missão, e que deve animar as nossas iniciativas pastorais e missionárias aqui.

O senhor foi missionário em Moçambique. O que aprendeu como religioso e como cristão?

– Primeiro, devo dizer que sou missionário desde o meu baptismo e, em 2008, participei num projecto missionário da CNBB, que me levou a trabalhar em Moçambique durante três anos e meio (de 2008 a Janeiro de 2012). Muitas pessoas questionavam-me então: “Você é padre diocesano. Porque sai de Porto Alegre para ir para África, se há tanto trabalho missionário a fazer aqui no Brasil?” Essa dúvida é comum, mas o segredo está na compreensão de que nenhuma Igreja nenhuma diocese se deve isolar e fechar em si mesma.

O documento de Puebla afirma que é necessário dar da nossa pobreza. Quando uma Igreja envia alguém, toda a Igreja se torna missionária. A minha experiência em Moçambique foi, sem dúvida,

uma das mais enriquecedoras da minha vida. Viver a missão lá foi como uma aprendizagem contínua. Tive de aprender a língua local, o Macua, já que cerca de cinquenta por cento das pessoas não falam português, apesar de ser a língua oficial.

Essa experiência ensinou-me muito sobre o papel do missionário, que dá e recebe, e sobre a importância de adaptar-se ao contexto. Além da língua local, tive de inserir-me na cultura e na realidade da Igreja local, que é profundamente ministerial. Atendia 140 comunidades, muitas das quais não tinham Missa há cinco anos, devido às distâncias. A realidade daquela Igreja local é bastante diferente da nossa: as Missas duravam cerca de quatro horas, pois incluíam celebrações dos sacramentos como o baptismo e o matrimónio.

Os católicos moçambicanos são muito activos nas suas comunidades e têm um forte sentido de pertença. O missionário enviado para evangelizar é também evangelizado. Ele enriquece-se com a cultura do outro e com o estilo de Igreja que encontra. Por isso, o envio de missionários é tão importante: todos ganham e todos recebem, incluindo a Igreja que envia e o missionário que é enviado.

Em 2014 foi nomeado director nacional das Obras Missionárias Pontificias (OMP). Que trabalho fazéis com as dioceses?

– As OMP são um organismo vinculado à Santa Sé, especificamente ao Dicastério para a Evangelização, que é o Dicastério primeiro na nova organização da Cúria. A sua principal missão é despertar o espírito missionário universal em cada Igreja local, lembrando que essas comunidades são missionárias não apenas nos seus territórios, mas também para além deles, no mundo inteiro. As OMP são constituídas por quatro Obras: a Obra da Propagação da Fé, a Obra da Infância Missionária, a Obra de São Pedro Apóstolo e a Obra da União Missionária. Todas essas iniciativas têm o carisma da missão *ad gentes*, e promovem uma visão universal da evangelização. ✦



OFERTÓRIOS DIOCESANOS 2023

Apuramento final dos resultados

DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

Dioceses	Ofertório 2023	Média por Paróquia
LISBOA (285 Paróquias)	89.000,55 €	312,28 €
LEIRIA-FÁTIMA (73 Paróquias)	17.286,44 €	236,80 €
FUNCHAL (96 Paróquias)	12.861,95 €	133,97 €
VILA REAL (264 Paróquias)	29.137,22 €	110,36 €
SETÚBAL (57 Paróquias)	6.165,81 €	108,17 €
PORTO (477 Paróquias)	47.362,63 €	99,29 €
AVEIRO (101 Paróquias)	9.600,28 €	95,05 €
COIMBRA (271 Paróquias)	23.127,37 €	85,34 €
LAMEGO (223 Paróquias)	17.850,00 €	80,04 €
VIANA CASTELO (291 Paróquias)	17.883,50 €	61,45 €
PORTALEGRE (161 Paróquias)	9.570,08 €	59,44 €
VISEU (208 Paróquias)	12.757,16 €	58,92 €
SANTARÉM (113 Paróquias)	6.576,44 €	58,19 €
ALGARVE (81 Paróquias)	4.652,54 €	57,43 €
GUARDA (360 Paróquias)	20.204,40 €	56,12 €
BRAGA (551 Paróquias)	26.800,62 €	48,63 €
ANGRA (165 Paróquias)	5.803,17 €	35,17 €
BEJA (121 Paróquias)	4083,48 €	33,74 €
ÉVORA (156 Paróquias)	2.421,19 €	15,52 €
BRAGANÇA (321 Paróquias)	719,08 €	2,24 €
ORDINARIATO CASTRENSE	200,85 €	-----
TOTAL	363.564,76 €	83,08 €
Enviado para a OBRA DA PROPAGAÇÃO DA FÉ		
251.236,96 €		
Enviado para a OBRA DA INFÂNCIA MISSIONÁRIA		
30.000,00 €		
Enviado para a OBRA DE S. PEDRO APÓSTOLO		
12.000,00 €		

INFÂNCIA MISSIONÁRIA

MEALHEIROS

Dioceses	2024
PORTO	10.874,77 €
BRAGA	4.272,19 €
VISEU	3.743,19 €
ANGRA	2.485,00 €
LISBOA	2.336,52 €
ALGARVE	2.142,74 €
AVEIRO	1.327,23 €
VIANA CASTELO	916,00 €
VILA REAL	378,00 €
FUNCHAL	300,00 €
ÉVORA	273,00 €
SETÚBAL	175,00 €
SANTARÉM	65,00 €
PORTALEGRE	10,00 €
TOTAL	29.298,64 €



“A transparência, no seu sentido evangélico correcto, não compromete o respeito da privacidade e da confidencialidade, a protecção das pessoas, da sua dignidade e dos seus direitos, mesmo contra pretensões indevidas da autoridade civil.”

(Documento final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 96)



Jubileu da esperança

A celebração do “Jubileu”, proposta para este novo ano, convida-nos para a descoberta de uma alegria mais funda que a fugacidade das satisfações (ou insatisfações) das ondulações da história.

Temos de admitir que os últimos tempos, à escala global, não têm sido especialmente animadores: as guerras proliferam e, nalguns casos, apresentam sinais alarmantes de escalada de violência e perigo extremo para a segurança mundial. A atitude depressiva e pessimista pode tornar-se num mau hábito, numa tentação em que, com demasiada frequência, caem os meios de comunicação social – como se “notícia” fosse necessariamente sinónimo de “má notícia”.

A experiência cristã, no seu essencial, radica, pelo contrário, numa “Boa Notícia”, que parte de um encontro que é uma dádiva gratuita e inesperada de um Deus de Amor que nos visita e nos ensina a dar sentido ao tempo. A alegria do dom e a inquebrantável aliança com a vida projectam-nos assim para além das vicissitudes dolorosas das más escolhas que os humanos vão fazendo na história, dizendo-nos que é sempre tempo de novos começos, é sempre possível voltar a escutar, voltar a encontrar sentido, voltar a procurar o caminho.

A celebração do “Jubileu”, proposta para este novo ano, convida-nos para a descoberta de uma alegria mais funda que a fugacidade das satisfações (ou insatisfações) das ondulações da história. Na sua bula de proclamação deste jubileu, o Papa Francisco quis associá-lo a um tema transversal: a esperança. Em tempos de crise e disrupção, voltar à esperança não é cultivar uma simples expectativa de que dias melhores virão, de que vai tudo correr bem, no optimismo balofo que ignora os sinais de preocupação e faz de conta que tudo vai andando. A esperança não faz de conta: ela funda-se numa palavra maior que as palavras e gestos de ruptura e desmoronamento, uma Palavra que é alfa e ómega,



“**O jubileu convoca para um reinvestimento na história, dando ao tempo uma nova oportunidade de reconciliação, de libertação dos cativeiros, de superação das dívidas.**”

princípio fundante e finalidade da história, que garante que tudo tem sentido e que o Amor crucificado de Jesus assegura que mesmo as nossas mais monstruosas opções não prevalecerão sobre a certeza do Amor. O Papa diz, na referida bula, que “é o Espírito Santo, com a Sua presença perene no caminho da Igreja, que irradia nos crentes a luz da esperança: mantém-na acesa como uma tocha que nunca se apaga, para dar apoio e vigor à nossa vida” (nº 3).

Por isso, a esperança da alegria do Evangelho também não é apenas uma passiva postura de aguardar a acção correctiva de Deus: porque é vivida como uma espécie de luminosidade da liberdade, a esperança é essencialmente compromisso activo, direccionamento consciente e dócil à presença inspiradora de Deus, concretizando-se nas escolhas simples da banalidade do quotidiano. Não é feita, em geral, de grandes rasgos de fulgurante inovação: a esperança respeita os ritmos da história, as morosidades próprias e alheias, não se aflige, não se precipita, investe em iniciativas transformadoras, reconciliando-se com a vida como ela é, deixando entrar os contratempos e integrando-os num tempo posi-

vo que constrói, sem negar os troços, mas tendo-os em conta na concretização de um sonho que os ultrapasse e lhes tire o poder.

No mesmo texto, o Papa Francisco afirma que “através da escuridão, vislumbra-se uma luz: descobre-se que a evangelização é sustentada pela força que brota da cruz e da ressurreição de Cristo. Isto faz crescer uma virtude, que é parente próxima da esperança: a paciência”. Esta não se confunde com resignação e desistência, mas é antes a recusa de reduzir a esperança a optimismo, já que, “a paciência – fruto também ela do Espírito Santo – mantém viva a esperança e consolida-a como virtude e estilo de vida” (nº 5).

Inspirado nos grandes jubileus da antiguidade judaica, o jubileu convoca para um reinvestimento na história, dando ao tempo uma nova oportunidade de reconciliação, de libertação dos cativeiros, de superação das dívidas, de reconstrução e relançamento da vida. Isso é ser cristão, isso é a alegria do Evangelho. Isso é esperança. Isso é missão. ✦

Padre Pedro Fernandes
Missionário Espiritano
Artigo conjunto da Missão Press

“Cheira o perfume das flores!”



Há alguns anos, dois Combonianos, o Padre Giuseppe e o Padre Stefano, foram para Damasco, capital da Síria, para estudarem o árabe antes de irem trabalhar no Sudão. Depois de terem arrumado as suas bagagens no Patriarcado Arménio, decidiram dar um passeio pelo bairro.

Entraram em algumas ruas estreitas, ao mesmo tempo que o lixo amontoado junto das portas das casas era recolhido pelos colectores municipais, que o carregavam em carroças puxadas por burros. Ao fim de meia hora, os dois desembocam numa avenida espaçosa. O P. Giuseppe, sempre optimista, não fazia outra coisa senão elogiar a beleza que lhe parecia ver: “Olha”, repetia, “aquela casa tão gira, aquele parque verde, sente o perfume das flores; que maravilha!” Estava tão extasiado, e usando tantos adjetivos, que o seu companheiro se resignou a caminhar em silêncio.

As pedras dos passeios tinham partido e, aqui e ali, havia buracos de cerca de meio metro de largura. As fachadas dos edifícios, com os seus portais e janelas, as cores das mercadorias expostas e as roupas das pessoas absorviam completamente a atenção do Padre Giuseppe, a tal ponto

que ele não se apercebeu dum enorme buraco no pavimento. De repente, parou de falar. O P. Stefano voltou-se, mas não o viu. “Meu Deus!”, exclamou. “Onde é que ele se meteu? Será que parou para examinar algum pormenor artístico?” Olhou para a direita e para a esquerda, mas não viu sinais do P. Giuseppe. De repente, ouviu gritos, “Socorro, socorro, tirem-me daqui!”, vindos do esgoto onde tinha caído.

Ajudou a puxá-lo para cima. Encharcado e malcheiroso, o P. Giuseppe regressou apressadamente a casa, acompanhado pelos comentários provocadores do P. Stefano: “Olha a beleza! Cheira o perfume das flores!”

Uma frescura abençoada

Com um ar preocupado, a Irmã encarregada da cozinha disse um dia ao Padre superior da missão de Atbara, no Sudão: “Há já algum tempo que o frigorífico deixou de arrefecer como antes. No outro dia de manhã, tive de deitar fora o peixe que me tinham dado na noite anterior, apesar de o ter colocado na prateleira de cima, onde normalmente se conserva bem. Tinha um cheiro estranho e não me atrevi a cozinhá-lo. De-

pois apercebi-me que nem o gato o comeu.”

“Já verificou, por acaso, se a chama é regular?” “Pelo que sei, acho que sim. A manga de gás foi substituída na semana passada. “Vou dizer ao Irmão que dê uma olhada.” Depois de ter verificado, o Irmão confirma: “Está tudo em ordem. Penso que, se não congela, é porque as Irmãs o abrem demasiadas vezes.” Ele tinha razão, ou pelo menos não se enganou até que se descobriu a verdadeira natureza da “falha”.

Numa tarde particularmente abafada, a freira dirigiu-se à sala de jantar para beber um copo de água fresca. Andando em bicos de pés para não incomodar quem estava a fazer a sesta, foi ao frigorífico, mas não conseguiu conter um “oh!” de surpresa: diante do frigorífico completamente aberto, o superior rezava o seu Breviário, o livro da *Liturgia das Horas*. Ao seu lado, a dormir numa espreguiçadeira, estava o Irmão. O grito da freira acordou-o. Ao constatar a sua surpresa, explicou-se: “Como o Padre recita o seu Breviário em frente ao frigorífico aberto, pensei que podia também aproveitar a sua abençoada frescura.” ✦

Padre Neno Contran
Missionário Comboniano



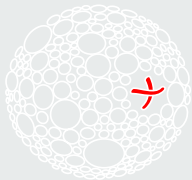
O logotipo representa quatro figuras estilizadas para indicar a humanidade dos quatro cantos da Terra. As figuras estão abraçadas cada uma à outra, para indicar a solidariedade e a fraternidade que unem os povos. O que está à frente está agarrado à cruz. É o sinal não só da fé que abraça, mas da esperança que nunca pode ser abandonada, porque precisamos dela sempre e sobretudo nos momentos de maior necessidade. Observemos as ondas que estão em baixo e que se movem, para indicar que a peregrinação da vida nem sempre se move em águas tranquilas. Muitas vezes eventos pessoais e eventos mundiais impõem com maior intensidade o chama-

Logotipo do Jubileu



mento à esperança. É por isso que devemos prestar atenção à parte inferior da cruz, que se prolonga, transformando-se numa âncora, que se impõe ao tumulto das ondas. Como se sabe, a âncora tem sido muitas vezes usada como

metáfora da esperança. A âncora da esperança, na verdade, é o nome que na gíria marítima é dado à âncora de reserva, utilizada pelas embarcações em manobras de emergência para estabilizar o barco durante as tempestades. Não ignoremos o facto que a imagem mostra como o caminho do peregrino não é um acontecimento individual, mas comunitário, com a marca de um dinamismo crescente que tende cada vez mais para a Cruz. A Cruz não é de modo algum estática, mas também ela dinâmica, curva-se para a humanidade como que para ir ao seu encontro e não a deixar sozinha, mas oferecendo a certeza da presença e a segurança da esperança. Finalmente, vê-se claramente o lema do Jubileu de 2025 com a cor verde: *Peregrinantes in Spem.* ✨



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR

P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP

Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Ilha do Príncipe, 19

1170-182 LISBOA

Tlf: (+351) 21 814 84 28

Email: missao.omp@gmail.com

NIPC: 501132619

Homepage: <https://www.opf.pt/>

ESTATUTO EDITORIAL

<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal Nº 192499/03

NIPC 501 132 619 • I.S.S.N. – 1647 – 9203

Registo na ERC nº 104247

IMPRESSÃO: Jorge Fernandes

Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9

2820-652 Charneca da Caparica

<https://www.jorgefernandes.pt/>

TIRAGEM: PDF para web

Preço Capa: 0,01 €

FOTOGRAFIA:

Arquivo OMP; João Fernandes



Quando fizer o seu testamento, pense nas OMP!

Se não tem familiares próximos e tem dúvidas a quem deixar os seus bens, pode contemplar a ideia de doar parte deles às Obras Missionárias Pontifícias (OMP), com a finalidade de ajudar as Igrejas mais jovens e necessitadas noutros continentes. Nesse caso, **pode fazer o seu testamento à Obra da Propagação da Fé** – o nosso nome oficial. A sua ajuda será canalizada para Roma, para o fundo de solidariedade universal com que o Santo Padre ajuda as novas Igrejas. O seu gesto assegura-lhe a gratidão e a oração da Igreja missionária.

Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé

Banco Millennium-BCP

Nº Conta: 23521434

NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05

IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, informação, solidariedade e partilha com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para estas Obras. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.